



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

13 e 14 de outubro de 2018

Notícias do Dia
Fabio Gadotti

Tubarão / Praia da Joaquina / UFSC / Polícia Ambiental

O episódio do tubarão
encontrado morto na
Joaquina expôs a necessidade
de um protocolo que
nortee a atuação de
órgãos públicos em casos
do gênero. Desde segunda-
feira, o que predominou
foi desarticulação.

● ● ●
A falta de regras claras sobre
o recolhimento das carcaças
compromete estudos
científicos sobre as espécies,
rotas e origens dos animais.
O tema está na pauta da
UFSC e da Polícia Ambiental.

Notícias do Dia
Capa e Especial

“O mistério do tubarão na Joaquina”

O mistério do tubarão na Joaquina / Praia da Joaquina / Leste da Ilha /
Anequim / Comcap / Autarquia de Melhoramentos da Capital / Museu
Oceanográfico / Univalli / Universidade do Valle do Itajaí / Jules Marcelo
Rosa Soto / Santa Catarina / Tubarão Mako / Tubarão-sombreiro / Isurus
oxyrhynchus / Polícia Militar Ambiental / UFSC

MISTÉRIO NA JOAQUINA

Tubarão desaparecido

Animal encontrado morto na praia esta semana seria alvo de
estudo, mas não chegou ao Museu Oceanográfico. PÁGINA 3

O mistério do tubarão na Joaquina

Sumiço do animal impede estudo de especialistas que poderia esclarecer a presença na costa e a causa da morte

CRISTIANO RIGO DALCIN
cristiano.dalcin@noticiasdodia.com.br

Cinco dias após ter sido encontrado morto na beira da praia da Joaquina, no Leste da Ilha, na segunda-feira (8), o destino do tubarão juvenil da espécie anequim continua desconhecido, assim como a causa da morte do animal. O tubarão foi enterrado na areia da praia pela Comcap (Autarquia de Melhoramentos da Capital), mas desenterrado logo depois. E sumiu. Se encontrado, poderia ser alvo de estudos por especialistas e explicar a presença ameaçadora tão perto da costa.

A presença desta e de outras espécies são comuns no litoral catarinense, mas os ataques é que são raríssimos. De acordo com o curador do Museu Oceanográfico da Univali (Universidade do Vale do Itajaí), Jules Marcelo Rosa Soto, a costa de Santa Catarina apresenta a maior diversidade de espécies e quantidade de tubarões do litoral brasileiro, porém a espécie anequim, também conhecida como tubarão mako, não é encontrada em águas rasas.

"Não é uma característica dessa espécie habitar águas tão rasas, mas isso não quer dizer que é impossível", explica. Apenas com informações obtidas através da visualização de fotos e vídeos que circularam pela internet, Soto relata que é difícil estabelecer as causas da morte e explicar o aparecimento do animal na praia da Joaquina.

Em situações como essa, os especialistas recorrem à etologia, ou seja, o estudo do comportamento social e individual do tubarão em seu habitat natural. "Por exemplo, quando há algum desajuste ecológico ou quando ele está parasitado, o animal não desenvolve todas suas capacidades e muda seus hábitos. Assim, esse tubarão pode ter vindo mais para perto da costa para pregar outros animais", relata Soto. ●

FIQUE POR DENTRO

Características do tubarão anequim

- Também conhecido com tubarão-mako ou tubarão-sombreiro, o *Isurus oxyrinchus* é um tubarão da família dos lamnideos, encontrado nos mares tropicais e temperados
- Chega a medir até 3,5 metros de comprimento
- Tem corpo fusiforme variando de azul a azul-escuro, com ventre branco, focinho pontudo e boca ampla
- É uma espécie veloz e muito agressiva
- A pesca comercial é realizada com espinhel.



Tubarão anequim apareceu morto segunda-feira (8) na praia, foi enterrado nas dunas, desenterrado e sumiu

Golfinhos podem ter matado animal

■ A principal pista para explicar o aparecimento do tubarão na costa foi obtida através de fotos e vídeos. É o quadro hemorrágico, observado pela grande quantidade de sangue no animal. De acordo com Jules Soto, a condição pode indicar que o tubarão juvenil tenha sido alvo de ataque de golfinhos. "É um tubarão que preda filhote de golfinhos. No Museu, temos restos de neonatos de golfinho encontrados no estômago destes tubarões e os golfinhos adultos costumam matar tubarões que se aproximam do grupo, justamente porque eles vêm para pregar esses filhotes", afirma.

Outra hipótese que pode explicar o aparecimento naquelas circunstâncias é de que o tubarão tenha sido capturado por redes de barcos de pesca de arrasto e descartado. Porém, essa possibilidade só é comprovada com a autópsia do animal, pois a espécie normalmente é capturada com espinhel, uma corda na qual são pendurados diversos anzóis. "Teria que analisar a maxila do tubarão e ver se existe alguma marca de anzol, mas é comum o pescador não descartar o animal, porque vale dinheiro", completa Soto.

Confusão da Comcap, que reconheceu erro

■ Diferente do que ocorre em relação a tartarugas, pinguins e baleias encontrados mortos ou feridos no litoral brasileiro, não há um procedimento padrão para se encaminhar um tubarão para pesquisa em uma universidade. Em países como Austrália e Estados Unidos, onde os ataques de tubarão não são raros, os estudos são essenciais para entender o comportamento dos animais.

Encontrado ao amanhecer, o tubarão foi enterrado por funcionários da Comcap nas dunas da Joaquina antes das 8h, horário de chegada dos salva-vidas que atuam no local. Diante da

repercussão de vídeos e fotos feitas por frequentadores, a Comcap reconheceu o erro e afirmou em nota que o tubarão seria desenterrado e que acionou a Polícia Militar Ambiental para fazer o correto encaminhamento do animal.

Porém, quando policiais chegaram ao local com objetivo de encaminhar para a UFSC, não encontraram mais o tubarão que havia sido desenterrado por funcionários da Comcap. "Infelizmente ainda acontece o descarte neste país. Esse hábito de enterrar é errado. O ideal é que os animais chegassem até a universidade", diz Jules Soto.

Brasil é o quarto no mapa dos ataques

■ Raros em Santa Catarina, os ataques de tubarão passaram a ser comuns em Pernambuco, onde o desajuste ecológico provocado pelas obras do porto de Suape alteraram o habitat natural do animal, que passou a procurar alimento nas praias de Recife. Os casos colocaram o Brasil em quarto lugar no mapa mundial dos registros de ataques de tubarão, atrás apenas de Estados Unidos, Austrália e África do Sul.

Em 25 anos, as praias da Grande Recife registraram 62 casos, dos quais 24 foram fatais. O primeiro aconteceu em 1992. O auge foi em 1994, quando dez pessoas foram atacadas. Diante da nova realidade, em 1995 foi proibida a prática de esportes náuticos em 32 quilômetros

de costa, mas os ataques acontecem com uma média de dois por ano. O ataque mais recente, em 3 de junho de 2018, matou um jovem de 18 anos na praia de Piedade, em Jaboatão dos Guararapes, município vizinho a Recife.

O último registro em Santa Catarina é de 2 de março de 2016, quando o funcionário público Rafael Hermes Thomas, 41 anos, sofreu ferimentos na cabeça ao mergulhar na praia do Estaleirinho, em Balneário Camboriú. De acordo com Jules Soto, que conversou com a vítima e verificou a mordida no couro cabeludo de Rafael, o animal era um tubarão-mangona (*Carcharias taurus*), espécie comum no Sul do Brasil, mas que tem sido praticamente dizimado pela pesca.

Notícias do Dia Cidade

“Uma rua que continua Formosa”

Uma rua que continua Formosa / Rua Esteves Júnior / Rua do Passeio / Patrimônio histórico / Colégio Henrique Stodieck / Faculdade de Direito / UFSC / Trindade / Colégio Catarinense / Memorial do Centro Educacional Menino Jesus / CEU / Casa da Estudante Universitária / Palácio Episcopal / Papa João Paulo 2º / Madre Paulina / Domingos Fossari / Livro / Florianópolis Ontem

Cidade

4/5.

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 13 E 14 DE OUTUBRO DE 2018

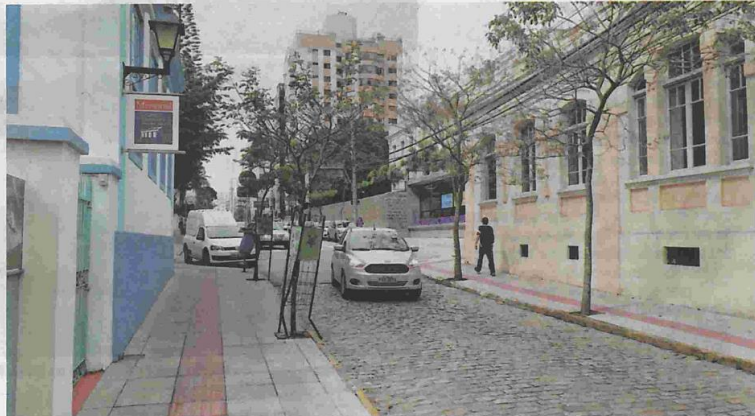
Uma rua que continua Formosa

A Esteves Júnior, que já se chamou do Passeio, Formosa e do Senador Mafra, mantém sua poesia

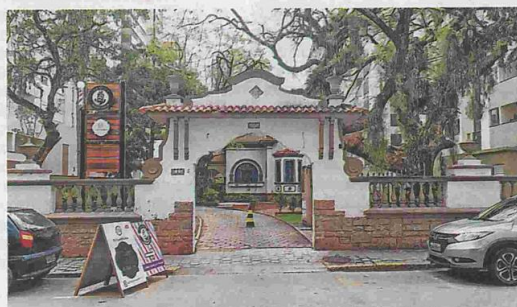
CARLOS DAMIÃO
carlos.damiao@gmail.com

Primeira ligação entre o Centro Histórico e a Baía Norte, a Rua do Passeio (ou Formosa, ou Senador Mafra), hoje Esteves Júnior, preserva um charme indiscutível nos dias atuais, apesar de ter recebido muitas modificações urbanísticas ao longo do tempo. Da época do império, a rua cortou a região de chácaras até chegar à Praia de Fora, onde está a praça Esteves Júnior e a avenida Beira-Mar Norte. Percorrê-la permite sensações prazerosas, como, até poucos dias contemplar os pés de ipês amarelos floridos, tanto na beira das calçadas, quanto em jardins dos prédios ou da sede da Cúria Metropolitana (a Casa do Arcebispo). Outra sensação boa é contemplar o que restou de patrimônio histórico, como o colégio Henrique Stodieck, que foi sede da Faculdade de Direito antes da transferência para o campus da UFSC na Trindade, o próprio palácio episcopal, o Colégio Catarinense, o Memorial do Centro Educacional Menino Jesus (primeira sede do colégio das freiras, nos anos 1950), uma sequência de casas centenárias entre os dois colégios e a esquina com a rua Bocaiúva, a antiga CEU (Casa da Estudante Universitária), hoje parte do condomínio residencial Alice Guilhon Gonzaga Petrelli, nome da professora que mantinha a instituição até os anos 1970. No trecho entre a Presidente Coutinho e a Bocaiúva está ainda a bela casa que pertenceu ao médico e historiador Osvaldo Rodrigues Cabral, com seus imensos flamboyants emoldurando a edificação diferenciada. O imóvel foi restaurado em 2016 pela CASACOR e hoje é ocupado por atividades comerciais. É um dos últimos que lembram o período das chácaras, encerrado por volta da década de 1970, quando começou a verticalização da rua.

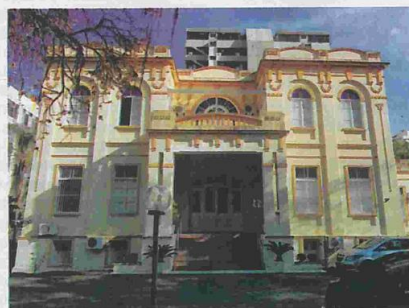
Embora não conserve elementos de vegetação, o Colégio Catarinense também é uma “herança” do tempo das chácaras. Ali ficava a chácara Vila Pamplona, de propriedade do governador Vidal Ramos. No início do século 20 Vidal doou o imóvel para os jesuítas, que inauguraram o colégio em 1905. O Catarinense talvez seja a memória mais antiga e intensa da rua Esteves Júnior. ●



As casas centenárias estão ainda preservadas entre os dois colégios e a esquina com a rua Bocaiúva



Portal da “casa do doutor Cabral”: propriedade que lembra o tempo das chácaras, que eram comuns na região



Palácio Episcopal, a sede da Cúria ou “casa do Arcebispo”: outra beleza da Esteves Júnior

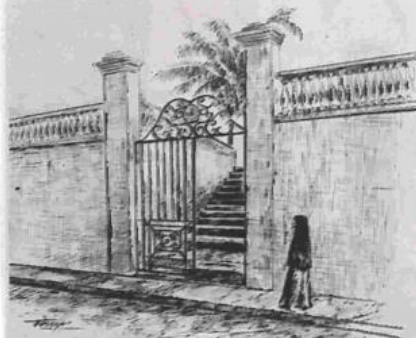
Papa João Paulo 2º marcou a história da rua

■ Uma personalidade internacional marcou a história da rua e do colégio: num quarto da vila dos jesuítas pernitoou em 17 de outubro de 1991 o papa João Paulo 2º, que veio a Florianópolis para beatificar Madre Paulina no dia 18 outubro, no Aterro da Baía Sul.

O nome definitivo da rua, que revogou as denominações anteriores foi escolhido para homenagear Antônio Justiniano Esteves Júnior, senador da República entre 1890 e 1900. Na praça de mesmo nome há um busto que lembra o homenageado, ao lado dos canhões que pertenciam ao Forte São Francisco Xavier da Praia de Fora, demolido no século 19). Na esquina com a Rua Bocaiúva funciona hoje uma padaria e lanchonete, mas ali foi um ponto de referência fundamental da cidade durante mais de 40 anos: o bar de Agapito Katcips, um grego que fez história na região e morreu no fim de 2017.

O portal retratado por Fossari

■ É interessante observar também um portão de ferro no trecho entre a esquina com a Vidal Ramos e a Antônio Dib Mussi. O portal dá acesso ao convento anexo ao colégio Imaculada Conceição. Na década de 1960 o artista Domingos Fossari desenhou esse elemento histórico. O bico-de-pena está no livro "Florianópolis de Ontem", identificado como "portal de um antigo solar".



O espetáculo dos ipês amarelos

■ Os ipês amarelos proporcionaram um espetáculo de beleza e encanto entre setembro e os primeiros dias de outubro, período da florada anual.

São árvores de porte médio, plantadas pela Floram durante a administração do prefeito Dario Berger nas calçadas dos dois la-

dos da rua. Uma de porte maior, no interior do prédio da Mitra Metropolitana, teve em 2018 uma das florações mais bonitas dos últimos anos.

O antigo nome de Rua do Passeio faz justiça a quem caminha. Quem circula de automóvel na extensa via acaba sempre retido por 10 ou

15 minutos nos períodos de entrada e saída dos dois colégios (Catarinense e Menino Jesus). A falta de mobilidade é o maior problema da Esteves Júnior, mas a dificuldade para trafegar de carro entre a Presidente Coutinho e o Bocaiúva não diminui o charme da rua; por isso, o bom mesmo é passear a pé.

Notícias do Dia Fabio Gadotti "Motociclistas"

Motociclistas / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Governo do Estado / Acidentes / Sistema Único de Saúde / Mortalidade

Motociclistas Estudo realizado pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), com apoio do governo do Estado, constatou que 85% das pessoas hospitalizadas após acidentes entre agosto de 2016 e julho de 2017 eram motociclistas. É uma das conclusões de documento de avaliação sobre o Sistema Único de Saúde. Na década que está chegando ao fim, cresceu a mortalidade por acidentes de trânsito entre os brasileiros, especialmente na região Sul, que registrou 27,7 óbitos a cada 100 mil habitantes. É muita coisa: mais de um quarto de todas as mortes violentas registradas no país.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

13/10/18

[Veleiro ECO da UFSC será batizado em Florianópolis](#)

[Uma rua da capital catarinense que continua Formosa](#)

[Tubarão encontrado morto na Joaquina tem paradeiro e causa de morte desconhecidas](#)

[Estudantes mineiros se destacam em competição de inovação](#)

[Manifesto prega reação da sociedade ao fascismo de Bolsonaro](#)

14/10/18

[A evolução Darwiniana de Fernando Haddad](#)

[Qual adoçante é o melhor?](#)

[Odontología fue sede de una jornada internacional de investigación](#)